Robert the Devil

Verdadeira historia do Grande Roberto

Porto

1891

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION
Master Negative Storage Number: OCl00047.16

Control Number: BCF-3436
OCLC Number : 07068060
Call Number : W 381.5698 P8381 no. 17
Author : Robert the Devil. Portuguese.
Title : Verdadeira historia do Grande Roberto, duque de Normandia e imperador de Roma : em que se trata da sua concepção e nascimento e da sua depravada vida por onde mereceu ser chamado Roberto do Diabo, e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitencia por onde mereceu ser chamado Roberto de Deus, e prodigios que por mandado de Deus obrou em batalha.
Imprint : Porto : Livraria Portugueza, editora de Joaquim Maria da Costa, 1891.
Format : 15 p. ; 24 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/30/94
Camera Operator: AB

COLLECÇÃO DE HISTORIAS POPULARES
N.º 6

VERDADEIRA HISTORIA
DO
GRANDE ROBERTO

DUQUE DE NORMANDIA E IMPERADOR DE ROMA

Em que se trata da sua concepção e nascimento e da sua depravada vida por onde mereceu ser chamado Roberto do Diabo, e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitencia por onde mereceu ser chamado Roberto de Deus, e prodigios que por mandado de Deus obrou em batalha

DUQUE DE NORMANDIA

VERDADEIRO RETRATO DO



E IMPERADOR DE ROMA

ROBERTO DE DEUS

PORTO — 1891
Livraria Portugueza, editora de Joaquim Maria da Costa
55—LARGO DOS LOYOS—56

VERDADEIRA HISTORIA DO GRANDE ROBERTO

DUQUE DE NORMANDIA E IMPERADOR DE ROMA



Na provincia de Normandia houve um Duque nobre entendido valoroso e muito amado dos seus vassallos, amigo de Deus e da justiça, ao qual chamavam Alberto, o qual resolvendo-se com effeito a fazer côrtes na cidade de Ruão para certos negocios importantes, mandou chamar todos os senhores e cavalleiros do seu Ducado, os quaes como leaes vassallos vieram, e entrando a votar, resolveram por ultima conclusão que convinha muito que o duque seu senhor casasse tanto pelo proveito que resultava a sua pessoa como pela grande utilidade da republica.

Vendo o Duque o bom zelo, com que os seus vassallos lhe propozeram o dito casamento, e sendo tambem muito amante e affeiçoado do seu povo se resolveu acceitar a proposta e lhes disse que tomassem por sua conta o casamento, e fizessem eleição de pessoa, que fosse conveniente ao rei e á sua honra.

Passados poucos dias resolveram os vassallos entre si, que convinha, que seu senhor casasse com a filha do Duque de Borgonha, que era uma senhora dotada de muita virtude e formosura. Com esta resolução foram ter com o Duque seu amo, e lhe propozeram o sobredito casamento, que logo de boa vontade acceitou.

Feita a acceitação, mandou chamar para mais se justificar, algumas pessoas das doutas e sabias da sua côrte, e lhes propoz o caso, e todos depois de considerarem como era devido, lhes disseram que convinha muito o dito casamento. O que tudo vendo o Duque mandou logo embaixadores a pedir a dita senhora.

Cheganda os embaixadores á côrte de Borgonha, foram recebidos com as honras que lhe eram devidas: dando a sua embaixada disseram que o Duque Alberto seu amo mandava pedir a sua alteza se dignasse conceder-lhe sua filha para esposa.

Ouvindo o Duque de Borgonha a embaixada lhes respondeu com um rosto entre magestoso e alegre, que lh'a concedia com muito grande e boa vontade. Por cuja embaixada mandou fazer aos embaixadores muito maiores honras.

Partidos os embaixadores com tão alegre noticia da côrte de Borgonha chegaram á côrte da

Normandia, foram logo dar a resposta ao seu Soberano, o qual os recebeu com muito contentamento, e os honrou e utilisou com grandes remios.

Effectuado o casamento mandou logo Duque Alberto embaixadores acompanhados de muitos cavalleiros buscar sua esposa que foi conduzida á côrte de Normandia, com grande fausto, como era devido em tal occasião; e chegados com a Duqueza á cidade de Ruão, côrte de Normandia, foram as festas tão solemnes, e alegrias tão grandes, que para dizel-as eram necessarios muitos volumes: porém só seguiremos o que é necessario á nossa historia.

Como o Duque Alberto, e sua esposa estiveram dezesete annos sem successão e da tristeza que por esta causa tinham!

Estando o Duque em companhia de sua esposa, vivendo catholica e christãmente, não foi Deus servido dar-lhe successão no decurso de dezesete annos, o que os promovia a uma continua tristeza, não deixando de fazer incessantemente deprecações a Deus, e esmolas aos pobres, e outras obras pias, e devotas orações, mandando fazer muitas procissões e preces, e dizer muitas missas em todo o seu Ducado.

Estando um dia o Duque e a Duqueza no seu jardim, disse o Duque: «Senhora, grande peccado fez aquelle que nos ajuntou, porque tenho por certo que se cazasse com outra mulher, havia de ter filhos, e os mesmos terieis vós se fosseis casada com outro homem, mas apezar d'isso nunca me ajuntarei com outra mulher, ainda que o meu ducado haja de ser senhoreado de Senhor estranho, e os meus vassallos por essa causa mal tratados, do que tenho grande sentimento.»

Foram estas palavras de tanta consequencia para a Duqueza, que cuidou de perder o juizo e desfeita em correntes rios de lagrimas, lhe respondeu: «Senhor, bem sabeis que em nada d'isso sou culpada, pois eu não fui a que causei este casamento nem tão pouco está na minha mão o conceber, senão na vontade Divina, e se Deus não é servido de nos dar herdeiro não me parece justo que estejamos tristes, senão dar-lhe infinitas graças, e contentarmo-nos com tudo o que a Elle fôr servido.»

Vendo o Duque a grande ancia e sentimento de sua esposa não quiz fallar mais no tal caso e tratou de a divertir com caricias e palavras de contentamento e alegria, e a consolava quanto podia: porém, no seu coração ficou sempre permanente a tristeza, porque amava muito os seus vassallos, e sentia deixal-os captivos em poder de senhor estrangeiro, que por sua morte era preciso succeder no seu Ducado.

Como Roberto foi concebido, e na sua concepção o offereceu sua mãe ao diabo.

Como o Duque estava sempre em continua tristeza por não ter successão, o estavam os seus vassallos, e cavalleiros os quaes sempre cuidaram de o alegrar, e livral-o de pensamento tão melancholico. E assim se resolveram pedir-lhe com instancia, que quizessé ir com elles um dia á caça, e como o Duque não era lerdo, mas antes dotado de grande entendimento lhes disse que ia com elles de boa vontade.

Disposto o dia em que haviam de ir caçar, foi o Duque com elles e entrando no monte com grande multidão de cães acharam um formoso veado, e como elle sentiu os caçadores, tomou o caminho das serras para se esconder nos grandes mattos d'ellas e d'esta sorte escapar aos cães e aos caçadores; porém nada lhe valeu, para que uns e outros deixassem de o seguir.

Indo os caçadores no seguimento do veado ficou o Duque só sem se lhe dar d'elle porque tinha o coração afflicto, e só imagina que por falta de herdeiro proprio havia de ficar o Ducado com herdeiro estranho e o seu povo maltratado, era todo seu cuidado e disignio.

Estando assim todo contemplativo começou a queixar-se amargamente a Deus da sua desgraça e pouca ventura, e assim esteve até que os caçadores chegaram com o veado morto sem que isto lhe causasse algum contentamento; e logo montou a cavallo, e foram todos para a cidade perseverando sempre na profunda melancholia sem que os caçadores o podessem alegrar de fórma alguma.

E como o diabo inimigo intrinseco do bem e amigo acerrimo do mal, nunca se descuida de tentar as creaturas humanas, não só tentou o Duque com aquella melancholia profunda, senão tambem foi tentar a Duqueza com a mesma cousa e a pôz tão melancholica e tentou com tal grau de tristeza, que não sabiam se era louca ou entendida, ou estava viva ou morta; emfim estava fóra de si e com esta grande turbação dos sentidos se deitou na cama, sem attenção a dizer-lhe as criadas, que vinha o Duque seu esposo, que trazia um veado morto, pois de nada fazia caso.

Chegado o Duque ao seu palacio e não vendo a Duqueza sua esposa, perguntou por ella e dizendo-lhe as criadas que estava deitada com uma profunda melancholia, se foi logo o Duque á sua camara e tratou de a divertir (ainda que elle estava do tal achaque mais enfermo) dizendo-lhe que não estivesse triste por causa de não ter concebido, que offerecesse a Deus aquelle caso que elle faria o que fosse servido; que desterrasse de si toda aquella tristeza pois não agradava a Deus por ser operação diabolica, e que elle queria juntar-se com ella. E assim se deitaram ambos juntos, e estando em acta matrimonial, disse o Duque: «Se fosse Deus servido que agora gerasse-

mos um filho para socego do nosso reino e povo?» A cujas palavras respondeu a Duqueza como desesperada: «Concebesse eu ainda que fosse o diabo e ao diabo offereço o que agora conceber.» Caso estupendo! Desesperação fatal! Deshumana offerta! Mas que não fará o diabo quando acha sujeita a materia!

Mas como o Omnipotente Deus acode aos seus filhos nos maiores apertos, sem reparar nos seus grandes peccados por esperar o arrependimento do peccador, pois não deseja a sua morte, senão que viva, foi servido que a Duqueza concebesse um filho, o qual foi em todas as suas acções maligno e preverso; porém ao depois teve grande contricção dos seus peccados, e fez tão exacta penitencia, que foi segundo Paulo, e tão querido e amado de Deus como ao depois diremos.

Trouxe a Duqueza nas suas entranhas nove mezes o dito filho, e esteve de parto um mez, e com tão grande perigo de vida que se julgou não escaparia, porém Deus a favoreceu tanto que chegou a parir felizmente, e a livrou do perigo; todos julgaram ser este parto maravilhoso, e que incluia em si algum grande mysterio como na verdade assim aconteceu.

Como Roberto foi baptisado, e dos signaes que no seu nascimento appareceram.

Na hora em que nasceu este menino veio de repente uma nevoa tão escura, que cobriu toda a cidade, e o ceu se encobriu de densas e negras nuvens de tal sorte que parecia que era noite (nascendo elle de dia), e de repente começaram a soar tantos e tão horrendos trovões e a cahir muita multidão de raios, coriscos e centelhas, de tal sorte que toda a gente ficou atemorisada, e prostrada por terra pedindo a Deus Misericordia, pois entenderam que era o fim da sua vida, imaginando que a cidade se afundia, a qual tempestade durou por espaço de quatro horas.

Depois que começou a socegar esta tenebrosidade ficou o ceu tão incendiado em chamas tão vivas, que parecia o proprio fogo. Os ventos eram tão fortissimos, tremiam todos os edificios, e foi o palacio onde pariu a Duqueza, tão combatido d'elle, que cahiu grande parte no chão.

Cessou a tempestade pela graça do omnipotente Deus e intercessão da virgem Maria Senhora nossa e passados alguns dias, foi o menino a baptizar, e todos ficaram admirados de ver um menino de tão poucos dias, que parecia que era de annos, por cuja causa de admiração concorreu muita gente para o ver.

Tanto que nasceu foi entregue ás suas amas para o criarem; porém passados tres dias foi logo necessario dar-lhe de comer, porque o leite das amas ainda que era muito não bastava para o sustentar.

Quando chegou a um anno andava e falava tão bem como se fosse de seis ou sete annos, e era tão perverso e malicioso que quanto mais crescia mais se regalava de fazer mal, e sem embargo de ser quem era, nunca foi possivel sujeital-o para que não saisse do palacio, e a quantos rapazes encontrava ou matava ou quebrava braços ou pernas, ou feria o que fazia com pedras ou paus: finalmente era tão cruel que nunca jamais se fartava de fazer mal.

Como os rapazes lhe pozeram por nome Roberto do Diabo

Cresceu grandemente este menino em muito pouco tempo e assim como crescia no corpo crescia tambem nas suas maldades e tanto assim que os homens que tinham filhos, os reprehendiam gravemente, e não queriam que sahissem de casa, quando Roberto andasse pela rua, por temerem que os matassem, aleijasse ou ferisse, porque como era, quem era, não podiam tomar d'elle vingança porém sem embargo do cuidado e reprehensão dos pais se juntavam muitas vezes os rapazes em grande numero para pelejarem com Roberto: porém, elle era tão maligno, valoroso e destemido tendo tão pouca idade que com todos, ou fossem grandes ou pequenos, muitos ou poucos, pelejava tão valorosamente que depois de matar, aleijar e ferir muitos os mais todos lhe fugiam de sorte que sempre ficava só no campo sem ferimento ou offensa alguma. E foi tão grande o medo que os rapazes lhe tomaram, que não foi mais necessario que seus pais os reprehendessem, para que d'elle fugissem, nem lhe apparecessem diante, e se acaso algum o via deitava a fugir, dizendo aos rapazes. «Fujamos, fujamos, que lá vem o Roberto do Diabo.» E d'esta sorte lhe ficou o tal appellido, que por elle já era entre todos e em todo o mundo conhecido.

Como Roberto do Diabo matou o mestre que o ensinava e tinha a seu cargo.

Tendo já Roberto seis annos, e tendo o Duque seu pae pezar da sua má inclinação, e perversa vida, intentou com a doutrina emendar a perversidade da natureza, e o mandou vir perante si e lhe disse: «Filho, já é tempo para que aprendas boa creação e as sciencias, pois que Deus te dá habilidade para isso, e para que te avantages aos teus vassallos.» A isto nada respondeu Roberto, antes abaixando a cabeça e olhando com muita raiva para os lados, e para a Duqueza sua mãe, e para o Duque seu pae, bem parecia Roberto do Diabo.

Mandou logo o Duque seu pae chamar um mestre de boa vida e costumes, cortezão sabio e homem muito honrado, e lhe disse, que d'alli em diante tomasse por sua conta aquelle menino e o doutrinasse na politica, sciencia e bons costumes.

E levando o mestre a Roberto comsigo, tratou de o ir ensinando como era devido a pessoa de tão alta jerarchia: porém nem a doutrina, nem o conselho; nem o castigo poderam fazer nunca em Roberto operação alguma boa, pelo contrario crescia cada vez mais a sua malicia e tyrannia, com que a todos tractava.

Havendo Roberto um dia morto, aleijado e ferido a muitos rapazes, foram os paes d'estes queixar-se ao mestre, o qual querendo castigal-o puchou Roberto d'um punhal e matou o mestre.

Notavelmente sentiu o Duque a morte do mestre, e reprehendendo a Roberto, elle fez muito pouco caso da reprehensão, e assim continuou sempre com as suas diabolicas travessuras com tal desabrimento, que todos o temiam e não ousavam reprehendel o, escondendo-se até para o não ver. Nunca ia á egreja, senão a fazer grandes arruidos, zombando dos frades e clerigos, e de todos que n'ella estavam encommendando-se a Deus nosso Senhor. E assim ficou sem mestre porque não houve outro que o quizesse ensinar. Vendo o Duque e a Duqueza a perversidade de seu filho, sendo este já de dezesete annos, intentaram armal-o cavalleiro, para ver se d'esta sorte mitigariam seu perverso animo.

Como Roberto do diabo foi armado cavalleiro

Mandou o Duque vir á sua côrte todos os principaes senhores do seu Ducado, para armar cavalleiro seu filho Roberto, em dia de Paschoa do Espir to Santo, e estando todos juntos na praça, onde era costume fazer-se esta solemnidade, disse o Duque a Roberto: «Meu filho, por conselho de nossos vasallos tenho ordenado armar-vos cavalleiro, para que aprendaes a ordem de cavallaria, que é ser cortez, politico e benigno, e assim mudeis as vossas perversas tendencias e maligna condição, tão aborreciveis a todos, e assim vos mando e peço o façaes.»

Respondeu Roberto e disse: «Não tenho duvida em me ermar cavalleiro, porém em quanto a mudar de condição, isso nunca o farei, porque tenho feito proposito de seguir em tudo a minha vontade e apetite, em quanto viver. E d'esta sorte me armarei cavalleiro pois tanto me dá de o ser como não.»

Porém, o Duque sem embargo da sua reposta, mandou que se armasse, pois lhe pareceu que succederia o contrario do que Roberto lhe tinha dito, porque tudo attribuiu a leviandade de meninice, porém, succedeu o contrario, como adiante diremos.

Como era costume, que os que se haviam de armar cavalleiros estivessem a noite antecedente ao dia da funcção na egreja, e n'ella fizessem oração a Deus pedindo-lhe graça para aquelle acto, tambem Roberto foi á Egreja, porém em logar de fazer oração e encommendar-se a Deus, fazia taes travessuras e zombaria de todos os que o acompanhavam, de sorte que foi uma pura desinquietação na Egreja, e logo no seguinte dia foi armado cavalleiro, com aquella honra e solemnidade que a tal pessoa se devia. Passados poucos dias mandou o Duque apregoar justas reaes nas festas de seu filho Roberto, para as quaes vieram muitas pessoas de diversas partes.

Chegado o praso e dia, se armou Roberto de excellentes e luzidas armas e montando em um soberbo e valente cavallo entrou na justa, e logo no primeiro encontro matou um principal cavalleiro: e como os outros viram este desbarate, não ousaram entrar na justa, e todos se retiraram.

Porém Roberto guiado do seu tyrannico e diabolico coração, seguiu e matou doz cavalleiros, e avançando a uma parte e á outra sobre todos os que estavam na praça fez n'elles taes destroços, que se levantou o povo contra elle, e elle contra o povo, matando, ferindo e atropellando a todos de tal maneira que foi necessario que o Duque sahisse a socegal-o; porém, Roberto do diabo sem attender, nem ter respeito algum a seu pae foi continuando a sua diabrura ate que todos fugiram e ficou só na praça.

Como Roberto do diabo partiu da cidade de Ruão, e foi por todo o Ducado de Normandia, matando e desbaratando.

Vendo Roberto que todos fugiam, e não achando com quem pelejar sahiu da praça e não, tratou de ir para o palacio, pelo pouco respeito que tinha a seu pai, e logo buscou alguns homens (que não foram poucos) da sua condição, e sahiu com elles por todo o Ducado da Normandia, roubando quantos encontrava, matando e ferindo, fazendo o mesmo nas aldeias e logares, deshonrando donzellas, forçando casadas e viuvas sem attender mais que ao seu depravado gosto de cujas insolencias concorriam continuadamente muitas varias pessoas a queixar-se a seu pae como tambem o desacato que tinha aos sacerdotes e cousas divinas, e aos logares sagrados, que (qual ontro Saul) era d'elles perseguidor tamerario

Quando o Duque e a Duqueza ouviam taes queixas se commoviam de tal modo á compaixão do seu povo, que com dadivas procuravam consolal-o e pediam continuadamente a Deus quizesse trazer seu filho ao verdadeiro conhecimento da sua salvação, e para esse effeito faziam muitas esmolas e outras obras pias vivendo com desconsolação de ter um filho não esperado, quasi havido por milagre, e ser tão maligno e perverso.

Como o Duque mandou muita gente chamar a seu filho Roberto do diabo e elle tirou os olhos a todos.

Um cavalleiro que tinha grande pena e tristeza dos desgostos do Duque seu Senhor, disse: «Senhor, parece-me que seria conveniente que vossa alteza mandasse chamar Roberto á sua côrte, que diante dos cavalleiros o reprehendesse do seu mau caminho, e que o ameaçasse com castigo, e que talvez com o medo d'elle se emendasse.»

Agradou muito ao Duque o parecer do cavalleiro e logo ao outro dia mandou sessenta homens de cavallo com um cavalleiro por cabo, e que dissesse a Roberto da sua parte, que viesse á côrte; e quando não quizesse vir que lhe jurava pela ordem da cavallaria de o mandar prender e castigar cruelmente, e aos seus sequazes.

Partiram logo para a diligencia e passados poucos dias, souberam que Roberto estava recolhido á um monte com uma grande malta de ladrões. Foram os cavalleiros ao monte e antes de encontrarem Roberto foram cercados de trinta homens de pé muito bem armados, e logo começaram a combatel-os. Vendo-se os cavalleiros combatidos sem se defender, disseram que eram mensageiros do Duque, e que vinham fallar a Roberto. Cessaram logo os do combate, e os levaram á presença de Roberto, e lhes disseram o que o Duque mandava dizer.

Assim que Roberto ouviu dizer que o havia de maddar prender, foi tanta a raiva que se apossou d'elle que logo mandou atar pelos ladrões que estavam com elle, a todos os mensageiros e por suas proprias mãos lhe tirou cruelmente os olhos, e assim os mandou ir, e que dissessem a seu pae, que aquelle era paga da embaixada. E começou a amaldiçoar o pae, que o gerou e a mãe que o pariu dando a todos e a si mesmo ao diabo.

Chegados os mensageiros á presença do Duque, foi tanto o sentimento que teve, e juntamente a Duqueza, que cuidavam perder o juizo, e assim antepondo a justiça ao amor paternal, mandou o Duque publicar pelo seu Ducado, que todo o que fosse capaz de pelejar fosse alistado para se preparar um exercito e sahir a combater Roberto, e tomar vingança do que fez aos mensageiros, e dar lhe o castigo e a seus companheiros.

Como Roberto do diabo sabendo o pregão mandou fazer um forte em um monte, para se defender.

Quando Roberto soube do pregão que seu pae tinha mandado publicar, teve tão grande temor de ser preso, assim como seus companheiros que logo mandou fazer um forte para se defender; e d'alli sahia aos caminhantes e a quantos encontrava roubava, fazia em pedaços, e a outros lhe tirava o coração vivo, e andava tão perdido que continuamente se entregava ao diabo, e o chamava para lhe pedir a sua ajuda e conselho, e assim vivia tão dissoluto sem temor do Altissimo que sahia com o seu rancho de Ladrões por todas as terras e logares circumvisinhos a deshonrar donzellas, casadas e viuvas, a matar, ferir, destruir e roubar: de sorte que todos desamparavam as suas terras, casas e fazendas indo pelo mundo, da sua crueldade, que ninguem se atrevia a fazer jornada pelo sito onde este tyranno habitava.

Como Roberto do Diabo matou sete Ermitães que achou em um deserto, d'ahi foi para o castello de Darque, onde estava sua mãe e das razões que com ella teve.

Sem temor de Deus estava Roberto no monte, seguindo todos os seus desordenados appetites e como os seus desejos fossem sempre inclinados a todo o mal, apartou-se um dia dos seus companheiros ladrões, e andando por aquellas montanhas buscando a quem fazer mal encontrou sete Ermitães e logo com espada em punho se arremessou sobre elles com tal furia como um cão para o veado, e lobo para a ovelha, e tyrannicamente lhe cortou a cabeça a todos sem se compadecer das suas palavras e mizerias.

Voltando para o outro lado da montanha encontrou um pastor, o qual temendo a morte se prostrou a seus pés pedindo-lhe pelo amor de Deus que o não matasse. Aqui começou Roberto a ser tocado pelo Divino Espirito como outro Saul; Roberto não lhe fez mal algum, antes lhe perguntou pelo Duque seu pai, e pela Duqueza sua mãe. O pastor lhe respondeu que seu pai estava na côrte da França, e sua mãe estava no castello de Darque, que era d'alli uma legua de distancia.

Roberto deixou o pastor e foi direito ao castello; mas logo que a gente o viu com a espada na mão toda ensanguentada e conhecendo que era Roberto tratou de fugir: uns subiram aos telhados, outros fecharam-se em casa, e em breve tempo ninguem appareceu, e tambem sua mãe a duqueza mandou fechar as portas com medo, e todos gritavam em altas vozes dizendo guardae-vos, guardae-vos, que ahi vem o Roberto, para que assim todos tivessem tempo de se pôr em segurança.

Roberto chegou á porta do palacio, e como a achasse fechada, começou a bater promettendo não fazer mal. Debaixo d'esta promessa veio mesmo a mãe abrir-lhe a porta a qual derramando muitas lagrimas se lançou de joelhos aos pés do filho o qual movido de compaixão de ver chorar sua mãe, começou a suspirar, e com os olhos ar-

rasados de lagrimas a levantou nos braços, e prostrando-se de joelhos lhe beijou a mão e pediu a sua benção. Vendo a Duqueza a obediencia do filho se lhe encheu a alma de alegria, e começou a reprehendel-o das suas insolencias.

Roberto lhe disse: «Senhora, o conhecer a minha malicia foi a causa principal de procurar a vossa alteza, para saber se o Duque meu pae, ou vossa alteza, cooperaram com alguma maldade para eu ser insolente, porque muitas vezes são os paes e mães a causa da malicia dos seus filhos, porque tendo eu tanta, que desde que me conheço nunca tive um só pensamento de fazer bem, antes pelo contrario tenho sempre desejos de fazer mal, assim tomara sáber a causa d'isto para emendar-me.„

Quando a mãe tal ouviu começou a dar graças a Deus e a pedir com muitas lagrimas perdão ao filho de o ter na sua concepção offerecido ao diabo, e lhe contou o que sobre isso se tinha passado, como acima deixamos dito.

Ouvindo Roberto aquella narração, foi tanto o seu pezar e dôr que caiu desfallecido por muito tempo, e depois que veio a si, exclamou banhado em lagrimas: — Oh misericordioso e eterno Deus! como permittis que pague a innocencia do filho a maldade da mãe! Oh peccador de mim, quanto tempo tenho servido ao diabo, sem ter conhecimento da minha perdição! Oh maldito diabo que com estas cautellas e manhas, buscas privar-me da gloria, e captivar-me com tuas sophisticas cautelas, tu maldito que sempre me tens guiado pelo tortuoso caminho de tuas maldades desde menino até hoje, cegando-me os olhos da razão pelo poder sacrilego que minha mãe te deu sobre mim! Oh astuto enganador, como conhecestes a fragilidade do femino genero obraste n'elle o que em nenhum varão podias tentar! Pois muito piedoso e soberano Senhor, assim como perdoaste aos que te crucificaram, perdoa tambem á triste infeliz de minha mãe o seu grande erro e peccado, e a mim como maior peccador do mundo, perdoa tambem pondo no meu coração um inteiro arrependimento e confissão de minhas culpas.

Roberto poz-se de joelhos diante da Duqueza sua mãe, beijou-lhe a mão e pediu perdão e que dissesse ao Duque seu pae que lhe perdoasse a desobediencia que lhe teve e lança-se a benção que elle partia para Roma, a pedir absolvição dos seus grandes peccados ao summo Pontifice e fazer d'elles penitencia despedindo-se de sua mãe com os olhos arrasados de lagrimas.

Como Roberto de Deus chegou ao ao forte onde estavam os seus companheiros e os matou a todos.

Depois que Roberto saiu do castello de Darque, se foi com grande pressa para o monte onde tinha um forte com grande temor de ser achado pela gente do exercito de seu pae. Chegando ao forte achou os companheiros comendo, e levantando-se todos o receberam com grande alegria, respeito e veneração. Sendo Roberto assentado á meza mandou a todos que se assentassem e depois de terem comido lhes disse Roberto que estivessem attentos, e ouvissem o que lhes queria dizer. O que todos fizeram e estiveram ouvindo com muita attenção.

Fallou Roberto e lhes disse: «Amigos, bem sabeis os grandes peccados, que contra Deus temos commettido. Peço-vos de todo o meu coração que vos arrependaes fazendo uma inteira confissão, e contrictos do coração façaes lograr a Bemaventurança e adverti que sois christãos remidos com o sangue de Jesus Christo, que só elle soube dar, a quem do coração o serve, o verdadeiro premio. Deixai o diabo que vos traz enganados com as suas diabolicas astucias, e de que não haveis de colher outros fructos, senão eternas penas.»

Estas, e outras cousas santas e virtuosas lhes disse Roberto, quando de entre elles se levantou um, e disse com grande ira: «No que dizes, senhor Roberto, parece que zombas de nós outros, e dize: não foste tu que nos trouxeste comtigo para esta montanha? Não foste tu o mestre que nos ensinou esta má doutrina? Não foste tu, o que nos guiasse como temerario capitão n'estas maliciosas emprezas? Pois que agora nos vens ensinar differente doutrina, e dizer que nos apartemos d'ella, isto depois de termos por amor de ti adquirido no mundo tão terrivel fama que se nos colherem nos castigarão como merece a nossa ruim vida? Agora digo que trabalhas debalde no que nos ensinas porque eu nunca jamais me quero apartar da vida que tenho, e n'ella protesto morrer e tu faze o que quizeres.» Os outros companheiros todos a uma voz responderam o mesmo.

Respondeu Roberto: «Amigos bem sei que eu fui a causa de tantos males, que tendes feito: porém agora quero ser a causa de vosso arrependimento, e assim como me seguiste no mal vos peço agora pelas sacrosantas chagas de Jesus Christo nosso Redemptor, me haveis de seguir no bem, que agora vos aconselho.» Responderam todos, que não querem senão seguir a vida em que estavam.

Vendo Roberto a contumancia dos companheiros e que nada aproveitavam as suas exhortações, e considerando nos muitos maleficios que podiam fazer, segundo o mau proposito que tinham e por evitar as ruinas futuras, pezando lhe muito do coração, de elle ter sido o principio e origem de tantos males. determinou matal-os a todos; e assim dissimulando quanto pôde por algum tempo, apanhou-os descuidados dentro da casa onde estavam todos, fechou-lhes a porta e metteu a chave na algibeira; depois pegou n'uma acha d'armas descarregou sobre elles tanta pan-

cada que os matou a todos. Querendo lançar o fogo á casa para os queimar, fez escrupulo de queimar tanta fazenda que tinham roubado, e não o fez; porém fechou a porta e levou a chave comsigo e montando a cavallo partiu d'aquelles horrorosos sitios.

Como Roberto de Deus foi d'aquelle monte para uma abbadia e d'alli mandou a chave da casa a seu pae.

Caminhaddo Roberto para Roma, chegou ao outro dia a uma abbadia, cujo abbade era seu parente e como tinha na abbadia feito grandes maleficios, tanto o abbade como os monges começaram a ter grande medo d'elle. Roberto caminhou para a egreja e fez oração a Deus nosso Senhor com muita devoção, e começou a chamar os sacerdotes que iam fugindo, affirmando que lhes não queria fazer mal algum; porém como sabiam que Roberto era tyranno, não se confiavam muito na sua promessa e assim não ousavam chegar-se; mas Roberto instando fortemente em os chamar, lhes pediu por amor de Deus, quizessem chegar a elle e não fugissem.

Commovidos os monges pelas exclamações e promessas de Roberto, se chegaram a elle e lhe perguntaram o que queria. Respondeu Roberto que por o amor de Deus lhe chamassem o abbade, o qual chegando, lhe disse Roberto, já de joelhos, que lhe perdoasse quantos maleficios se tinham feito por sua causa na abbadia; e assim tambem pedia perdão a todos os escandilisados, por amor de Deus para que tambem Deus lhe perdoásse a elles. Entregando ao abbade as chaves da casa onde ficaram os companheiros mortos, e muita fazenda que tinham roubado, lhe pediu as entregasse ao Duque seu pae, para que restituisse aquella fazenda a seus donos; e lhes dissesse da sua parte que lhe perdoasse, e alcançasse a sua benção, porque elle caminhava para Roma a pedir absolvição ao summo Pontifice, e fazer penitencia dos seus peccados.

Quando o abbade tal ouviu começou com lagrimas de alegria a dar graças a Deus pela conversão de Roberto ao seu santo conhecimento, e lhe prometteu fazer tudo o que pedia e que ficasse alli aquella noite, que ao outro dia faria jornada para Roma, o que Roberto acceitou e os monges ficaram muito contentes de ver tal resignação e assim não cessavam de louvar o Altissimo.

Como Roberto de Deus partiu da abbadia, e chegou a Roma

Ao outro dia muito de manhã largou Roberto cavallos e armas, e se vestiu ordinariamente e partiu a pé, pedindo esmola pelo caminho para se sustentar. Chegou a Roma em quinta-feira santa, estando o santo padre na egreja de S. Pedro ao officio divino: chegou Roberto á porta, e esteve um breve espaço sem poder entrar livremente, por ser a gente muita. Porém como o seu ardente desejo o não deixava esperar metteu-se por entre a gente pouco a pouco, ainda que com muito trabalho porque uns o empurravam, outros o apertavam, e o peior foi que as guardas do Pontifice lhe davam uns com as armas pela cabeça, outros pelo corpo, e elle com muita paciencia, feito já manso cordeiro, o que era leão bravo; chegou aos pés do Pontifice, e chorando amargamente lhe disse:

«Santissimo Padre, pelo amor de Deus te rogo que me ouças de confissão, e me dês a penitencia de meus grandes peccados.» Perguntou-lhe o Papa quem era, respondeu que era o maior peccador do mundo, e que tinha commettido os mais enormes e torpes peccados que havia, e assim o ia buscar para lhe dar uma saudavel penitencia. Disse então o Pontifice: «Porventura tu és Roberto do diabo, de quem tantos males se dizem?» Roberto deu um suspiro, que parecia se lhe arrancavam as entranhas, e disse que sim. Mandou o papa se callasse, e deixasse acabar o officio divino, que então lhe fallaria. Calou-se Roberto, e esteve de joelhos com muita devoção ouvindo o officio.

Acabado o officio divino chamou o Papa a Roberto, e posto de joelhos com muita contricção confessou todos os seus peccados, e lhe disse, que sua mãe quando o concebeu o entregara ao diabo. Ouvida a confissão mandou-lhe o Papa que fosse a certo monte cujo nome lhe disse, e lá acharia um Ermitão que era seu confessor, e lhe dissesse que elle o mandava lá para que o confessasse, e absolvesse.

Como Roberto de Deus partiu para o monte, para onde o mandou o Pontifice.

Desejeso Roberto da sua salvação, partiu ao outro dia ao amanhecer para o monte para onde o mandou o Pontifice, que ficava distante de Roma tres legoas, e chegando a elle começou a discorrer por uma e outra parte, buscando o Ermitão, até que o foi achar dentro d'uma cova, e tanto que o viu se poz de joelhos diante d'elle, e disse que o Papa o mandava lá para que o confessasse, e dessa a penitencia

Sahiu o Ermitão da cova, e o tomou pela mão, levantou-se em pé, folgando muito de o ver tão contricto e chorar do coração os seus peccados, depois de fallar com elle um pouco, o levou a uma capella muito devota, aonde com muitas lagrimas confesou os seus peccados, e disse como sua mãe no tempo em que o concebeu o tinha encommendando ao diabo.

Ouvindo a tal confissão mandou o Ermitão a Roberto, que se levantasse, e que ao outro dia o

absolveria. Chegando a noite ficou Roberto na ermida, e o Ermitão se foi qara a sua cova, e esteve toda a noite em oração, e rogando a Deus por Roberto, e que lhe revelasse a penitencia que lhe havia de dar por tão grandes peccados.

Como o anjo appareceu em sonho ao Ermitão, e lhe disse a penitencia que havia de dar a Roberto.

Vencido o Ermitão do somno e do trabalho, sendo pela madrugada tomou uma pedra, e a poz por cabeceira, como costumava. e sobre ella poz a cabeça para se deitar; e estando dormindo, ouviu em sonhos um anjo do céo. que lhe disse: «Homem de Deus escuta o que Deus me manda que te diga. Manda a Roberto que em penitencia de seus peccados vá a Roma e se fará louco. e mudo e não coma outra cousa, senão aquillo que elle poder apanhar aos cães, e logo o faça até que Deus lhe mande outra cousa, e assim alcançará a remissão de todos os seus peccados.»

Com esta revelação despertou o Ermitão muito alegre e contente, e entrando na capella mandou a Roberto que se puzesse de joelhos para he dar a penitencia, o que elle fez com muita obediencia e contricção, posto de joelhos, disse o Ermitão a Roberto. «Deus me revelou esta noite a penitencia que hades fazer pelos teus peccados, e é que vás para Roma, e não faças mal a cousa alguma, e tenhas paciencia com o que te fizerem, e te faças louco e mudo, e não comas senão o que apanhares aos cães, e isto farás até que por Deus te seja mandado outra cousa. E se o promettes fazer eu te absolvo dos teus peccados, em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo, e vae em paz.»

Quando Roberto ouviu a penitencia, e recebeu a absolvição das suas culpas, todo banhado em lagrimas, nascidas do intimo do seu coração, começou a dar graças a Deus por tão grande mercê e beneficio que lhe fez por tão pequena penitencia livral-o da pena eterna; e assim com muito contentamento na sua alma se despediu logo do Ermitão, e se partiu para Roma.

Como Roberto de Deus partiu de monte, e em Roma começou a fazer penitencia.

Entrou Roberto em Roma fazendo varias visagens d'olhos, e torcimentos de bocca. bailando e saltando pelas ruas e andando n'ellas d'uma para outra parte como louco, sem sentido e em pouco espaço de tempo se ajuntou ao rodor d'elle tanta multidão de rapazes, que não tinham numero, e começaram a dar-lhe punhadás, como costumam, atirando-lhe uns com lodo, outros com pedras, outros puchavam pelos vestidos, e outros o empurravam: finalmente, faziam d'elle o que queriam, sem que Roberto respondesse a cousa alguma, e nem fizesse a mais minima acção para para se defender, antes estava tão resignado com tanta paciencia, que parecia que Job lhe ficavá a perder de vista.

Estando Roberto um dia junto ao palacio do Imperador e estando com fome, por não achar cães de quem se soccorresse, entrou dentro fazendo seus esgares, e foi ter á sala onde o Imperador jantava, e asism como entrou fez uma reverencia, e logo começou a fazer cousas de louco, de sorte que o Imperador gostou muito de o ver. Tinha o Imperador um cão junto a si, o qual era tão feroz, que nunca consentiu que pessoa alguma lhe pozesse a mão senão o Imperador, deitando-lhe um osso, se lançou Roberto ao cão e lh'o tirou da bocca, começou a comer n'elle, e como o cão se não enfureceu, ficou o Imperador e todos os mais que lhe assistiram, admirados. Entendendo o Imperador que Roberto tinha fome, mandou que junto a elle lhe pozessem uma meza para a qual vieram varias iguarias; porém Roberto, por mais que o obrigaram a comer, não quiz acceitar, antes estava olhando para o cão e vendo o Imperador isto deitou um pão inteiro ao cão e logo Roberto se lançou ao cão e lh'o tirou da bocca, e partiu pelo meio e lhe deu metade, e comeu elle a outra metade, e o Imperador cada vez estava mais admirado da mansidão do cão, sem que nunca tivesse visto a Roberto.

Depois de Roberto comer a metade do pão começou a saltar pela casa, e a fazer varias invenções; e vendo uma porta aberta, que ia para o jardim aonde estava uma fonte e tendo Roberto grande sede, foi correndo e saltando como louco para o jardim, e chegou á fonte onde bebeu.

Chegada a noite, começou Roberto a buscar sitio para se deitar, e achando atraz d'uma escada o cão deitado sobre uma pouca de palha, se deitou juntamente com elle, e indo dizer isto ao Imperador, mandou que lhe fizessem uma cama, porém não foi possivel o querer-se deitar n'ella; e assim ficou com o cão, que sempre d'ahi em diante foi seu companheiro, assim de cama, como de meza.

Como Roberto de Deus tinha grande aborrecimento aos judeus

Estando Roberto nos palacios do Imperador, foram alguns mercadores estrangeiros tractar com o Imperador alguns negocios: entre os quaes foi tambem um judeu riquissimo, que trazia maior parte das rendas reaes. pondo-se o judeu á meza para comer com os christãos teve Roberto tanta raiva, e tanta ira, que se lançou ao judeu para o affogar, ao qual motim acudiu o Imperador, e tanto que Roberto o viu logo se aquietou, porém depois de algum tempo, estando já tudo socegado, tomou o cão, e chegando-o por detraz ao judeu, lhe tocou na capa, e voltaddo a cara, lhe deu a beijar o cão, do que o judeu ficou muito envergo-

nhado, mas Roberto fez isto com tal graça que provocou a todos o riso.

Em outra occasião andando Roberto com um grande pau pela cidade fazendo loucuras mas ninguem offendia, viu passar muita quantidade de judeus acompanhando a uma judia noiva que ia muito bem vestida e adornada; foi a toda a pressa e com o pau jogando de uma para a outra parte, fez tal espalhafato nos judeus que lhe abriram caminho de sorte que chegou á judia, pegou-lhe pela mão e a lançou sobre uma pouca de lama, que alli estava; d'alli votou á carreira e foi a casa dos noivos, e lhes tomou o jantar, atirou com elle aos cães, cujas loucuras fizeram rir a todos os que as viram. E d'esta sorte andava Roberto em Roma fazendo cousas de louco, sendo tão entendido; porém fazia rigorosa penitencia, como Deus lhe mandava.

Como um almirante vassalo do imperador lhe fez guerra, porque não lhe quiz dar sua filha para esposa.

Tinha o Imperador por vassallo um almirante pagão e infiel, que era grande senhor muito poderoso, o qual mandou pedir ao Imperador uma unica filha, que tinha (ainda que era muda), para mulher. E não querendo o Imperador dar lh'a veio o almirante com um grande exercito contra o Imperador e entrando-lhe pelas suas terras, fazendo-lhes grandes destruições, foi preciso o Imperador sahir-lhe ao encontro com toda a gente que pôde juntar ainda que era menos do que a que o almirante tinha.

Começaram a batalha ás nove horas da manhã, a qual foi tão cruel e sanguinolenta que durou até á noite, com grande perda do Imperador pois lhe mataram a mulher e a mais luzida gente do seu exercito e assim lhe foi preciso retirar-se a uma terra sua que estava perto e fazer-se forte n'ella com aquella pouca gente que lhe ficou.

Ao outro dia de manhã mandou o almirante desafial-o para sahir a batalha, o que o Imperador não quiz acceitar por entender que perderia, pela pouca gente com que se achava, e queria só defender-se, esperando algum seu amigo o soccorresse para entrar na batalha, porém o almirante o atacou de sorte que foi necessario sahir com a gente a dar-lhe batalha.

Como um anjo trouxe um cavallo branco e armas a Roberto, para que fosse ajudar o imperador.

Estando Roberto, muito triste pelas noticias que vinham do aperto em que se achava o Imperador, entrou uma manhã no jardim para beber na fonte, como tinha por costume, e depois que bebeu, se arrumou a uma arvore a discorrer e imaginar nas cousas do Imperador, e na perda da sua gente e desejando muito de o soccorrer, porém como não podia faltar á sua penitencia, offerecia a Deus a sua pena, e lhe pedia soccorresse o Imperador, e o livrasse do almirante inimigo de Christo.

Estando n'esta afflicção ouviu uma voz do ceu que lhe disse: «Roberto, Deus te manda que te armes com estas armas, e montes n'este cavallo, e vás soccorrer o Imperador.» Tanto que Roberto ouviu esta voz voltou a cara e viu um cavallo branco, e sobre elle um arnez muito luzido, uma lança e uma espada.

Vendo Roberto este prodigio se poz logo de joelhos e deu a Deus infinitas graças, e logo se começou a armar, e chegou ao exercito a tempo que o imperador estava tão desbaratado, que já se queria ir retirando, e largar o campo, porém Roberto entrou no exercito do almirante com tanto valor, que o desbaratou, de sorte que se puzeram em fugida e ficou o Imperador victorioso e senhor do Campo. E logo Roberto sem ser conhecido, se retirou e tornou a entrar pela porta do jardim, e apeando-se e despindo-se poz as armas em cima do cavallo o qual logo desappareceu, e ficou Roberto no seu estado de louco.

Porém a uma janella do jardim estava a filha do imperador, vendo Roberto (sem ser vista tanto ao sahir para a campanha, como ao voltar d'ella), e como era muda não pôde dizer a pessoa alguma; mas ficou suspensa e admirada de tal maravilha.

Como o imperador voltou para Roma victorioso do seu inimigo, e como sua filha lhe disse que Roberto tinha vencido a batalha.

Tanto que o imperador viu o inimigo desbaratado e fugido, ficando senhor do campo, voltou para Roma triumphante, e foi recebido de todo o povo com grande applauso e estando já no palacio com alguns cavalleiros, da sua côrte, entrou Roberto com uma pequena ferida na cara, a qual tinha recebido na campanha, tanto que o imperador o viu ferido ficou muito sentido e disse que algum malfeitor fizera aquillo áquelle louco, e assim mandou publicar um edito, que todo aquelle que lhe fizesse mal morreria de morte natural. De que ficaram os fidalgos muito contentes dizendo que o louco não fazia mal a pessoa alguma. E a tudo estava Roberto mui dissimulado, e fazendo que não entendia cousa alguma.

Disse depois o Imperador aos cavalleiros, se acaso conheceram aquelle cavalleiro do cavallo branco, que o foi ajudar em tão grande aperto, porque desejava conhecel-o para o premiar, conforme o seu merecimento porque não era possivel que houvesse homem mais sabio e dextro na guerra, do que aquelle. Ao que responderam os cavalleiros, que assim era, porém não dera a isso logar pois tanto que se acabara a batalha se reti-

rara sem fallar com pessoa alguma e desapparecera.

Chegou n'este tempo a filha do imperador, e lhe disse por acenos que o louco era o cavalleiro que vencera os inimigos, pois ella tinha presenciado, e visto tudo o que sobre isto tinha passado. E não entendendo o imperador a filha, mandou chamar as damas, para declarar o que queria dizer, por estarem já acostumadas a entendel a E dizendo-lhe as damas o que a filha tinha dito de Roberto, ou do louco, o imperador as reprehendeu, dizendo-lhes que ensinassem melhor sua filha e não a fizessem louca, pois não era possivel que o louco fizesse tantos prodigios na campanha como fez o cavalleiro que foi soccorrel-o, pois as suas operações eram do mais entendido homem do mundo.

Com esta reprehensão se retirou a filha e as damas, ficando só o Imperador e os cavalleiros fazendo sobre isto varios discursos.

Como o almirante voltou segunda vez com um grande exercito contra o imperador.

Envergonhado o almirante, de que um só homem lhe destruisse o seu exercito, e o pozesse em fugida, depois de estar victorioso do imperador, começou a vacillar sobre este ponto, e se resolveu fazer um exercito mais numeroso, e com elle sahiu a campo com animo de vencer ou perder.

Chegando ao primeiro sitio, e tendo o Imperador noticia d'isto, lhe sahiu ao encontro precipitadamente com a gente que póde ajuntar em tão breve tempo, encontrando-o na batalha o carregou o almirante de tal sorte que se viu o Imperador perdido. Porém Deus que é o que dá a victoria, mandou outra vez, por um anjo o mesmo cavallo e as armas a Roberto, que estando no jardim todo sentido que o imperador tivesse tão mau successo, lhe appareceu o cavallo e as armas, e logo em continente se armou e montou a cavallo, e sahiu pela mesma porta do jardim e chegando ao campo da batalha, estando o Imperador em fugida, começou a juntar gente, e a exforçal-a, e acommetteu o almirante com tanta furia, que parecia um feroz leão, destruindo de tal sorte o inimigo, que nenhum lhe parava adiante; e os cavalleiros do imperador deixavam de pelejar só por lhe ver manejar a espada e assim em breve tempo poz o almirante em fugida e lhe destruiu todo o exercito de modo que se muito fez Roberto na primeira vez, muito mais fez na segunda.

E assim ficou o Imperador triumphante e senhor do campo, e Roberto se retirou sem ser conhecido.

Chegou Roberto ao jardim, e apeando-se se desarmou e poz as armas sobre o cavallo que logo desappareceu e a filha do Imperador tudo viu tanto ao sahir para a batalha, como ao retirar d'ella, sem que fosse vista.

Como Roberto de Deus venceu terceira vez o almirante

Retirando-se triumphante segunda vez o Imperador para Roma, começou a vacillar fortemente, quem seria o cavalleiro do cavallo branco, que tanto beneficio lhe tinha feito. Estando n'esta consideração alguns mezes, lhe chegou a noticia que o almirante tornava terceira vez com muita gente a dar-lhe batalha, e assim chegou ás portas de Roma a sua armada. O Imperador se viu tão apertado, que sahiu repentinamente sem ordem com aquella gente, que o quiz acompanhar, para rebater a furia com que o almirante vinha.

Porém como o Imperador tinha grande desejo de saber quem era o cavalleiro do cavallo branco, encommendou a alguns fidalgos a empreza do seu reconhecimento, que para isso se apartaram vinte homens de cavallo e trinta de pé, para descobrirem aquelle valoroso cavalleiro.

Estando já o Imperador pelejando com o almirante, foi Roberto ao jardim, e achando o cavallo branco com as armas, se armou logo, e montando a cavallo sahiu pela porta do jardim, e chegando ao exercito fez tal derrota no almirante que o fez fugir só com cincoenta cavallos, ficando todos os mais do exercito mortos, feridos e captivos.

Destruindo o exercito do almirante, logo Roberto se retirou, e como a escolta para o seu conhecimento o viu retirar, tratava de o cercar para o conhecer, porém elle rompeu o cerco, fugiu, e n'esta fugida o seguiu um fidalgo e não o podendo apanhar, lhe atirou com a lança cujo ferro ficou mettido n'uma perna de Roberto, e assim se retirou sem ser conhecido.

Chegando Roberto ao jardim, logo se desarmou, e pondo as armas sobre a sella do cavallo, logo desappareceu, e como Roberto ia ferido, tirou o ferro da lança da perna e o metteu debaixo de uma pedra que estava junto da fonte, e tratou de curar as feridas com umas hervas, e logo veio saltando para o palacio fazendo loucuras.

Todas estas cousas viu a filha do Imperador, da janella tanto quando Roberto sahiu para a batalha, como quando veio d'ella: como não podia fallar para o dizer, só se suspendia n'estes prodigios tres vezes repetidos sem saber a que attribuisse aquellas maravilhas.

Como o imperador chegou da batalha, e o que sobre o cavalleiro do cavallo branco se tratou.

Chegou terceira vez triumphante o Imperador cujos triumphos e vencimento só eram devidos ao cavalleiro do cavallo branco, começou terceira vez a discorrer com toda a efficacia quem seria, e com instancias dizia aos fidalgos da escolta sua pena, e todos tambem a tinham da frustrada diligencia que fizeram. Disse então um ao Imperador: «Senhor, vendo que não podemos presionar,

nem conhecer o cavalleiro do cavallo branco, eu o segui, e tomei a resolução de lhe atirar com a minha lança, e lhe metti o ferro por uma perna, e n'ella o levou, e a haste cahiu no chão, que eu a tornei apanhar. E assim mande vossa magestade examinar por medicos e cirurgiões as casas d'esta cidade sobre este particular, que só assim póde vir ao conhecimento de quem é.»

Quando o imperador tal ouviu, ficou muito contente, porque d'este modo lhe parecia que se havia de vir ao verdadeiro conhecimento de tal cavalleiro do cavallo branco, e assim logo mandou fazer as exactas diligencias necessarias por toda a Roma e partes circumvisinhas, porém nunca foi possivel saber quem era, nem havia quem désse noticia, de que o Imperador ficou muito desgostoso, por não conseguir seu intento.

Como o imperador viu a impossibilidade de conhecer o dito cavalleiro tomou um accordo de mandar publicar um edito, para ver se d'esta sorte se descobriria, e foi que o cavalleiro do cavallo branco que o tinha soccorrido nas tres batalhas, viesse manifestar-se á côrte, porque lhe promettia dar metade do seu imperio, e casal-o com sua filha.

Como o almirante para casar com a filha do Imperador, metteu um ferro de lança pela perna e foi á Roma a manifestar-se ao imperador, para que lhe désse sua filha por mulher.

Sabido e manifestado o edito do Imperador, ficou o almirante muito alegre, e satisfeito por entender que por industria faria o seu gosto, pois o Imperador não sabia quem era o cavalleiro do cavallo branco e pelos signaes que manifestasse (ainda que suppostos) entenderia ser elle, tomou o ferro de uma lança, e o metteu n'uma perna, e se montou em um cavallo branco; e acompanhado de alguns criados partiu para Roma, e mandou pedir licença ao imperador para lhe fallar, que sendo-lhe concedida, chegou ao seu palacio e lhe disse:

«Senhor, vossa magestade mandou publicar um edito, que casaria com sua filha o cavalleiro do cavallo branco que o ajudou na batalha; e como eu sou esse mesmo, deve vossa magestade dar-me a sua filha para esposa; e se n'isto ha alguma duvida, sirva por testemunha este ferro de lança que tenho mettido n'esta perna, e o cavallo branco em que venho montado. E assim mostrou a ferida com o ferro da lança dentro.»

Como o Imperador tal ouviu, e viu, disse :— Não sois vós o que me pozeste guerra! Pois como é crivel que me ajudasseis contra vós mesmo? Respondeu o almirante. Senhor, é tão grande o amor que tenho a vossa magestade, e sua filha que me obrigou a fazer esses excessos, e assim não duvide vossa magestade que a troco de casar com ella quizesse eu perder, e ser contra os meus exercitos pois o amor como cego obriga a excessos não esperados, e vibra muitas vezes as flechas contra si mesmo: e assim fui eu, pois não esperando vossa magestade de mim senão fatalidades eu não desejava nem concorria, senão para que alcançasse victorias, e assim conhecido de todos fiz por vossa magestade tantos prodigios.

Ouvindo o imperador ao almirante, palavras de tão grande affecto, e vendo a ferida e o ferro da lança, deu credito a que era verdade tudo o que dizia o almirante, e assim consentiu no casamento, ainda que contra o seu gosto, por ser o almirante pagão e inimigo da lei de Jesus Christo, porém não tinha outro remedio mais que dar cumprimento ao seu edito.

Como um anjo revelou ao Ermitão que a penitencia de Roberto de Deus já estava cumprida, e lhe disse da parte de Deus que fosse a Roma e o dissesse a Roberto.

Foz Roberto penitencia com tanta devoção, que nunca jamais cessou de pedir a Deus perdão de suas grandes culpas; e foi tão grande a sua contricção, que o fez capaz da misericordia divina que pela sua muita bondade o quiz tirar da immundicie onde assistia com cães, e dos desprezos que todos d'elle faziam e dal-o a conhecer a todos por quem era e para que sua humildade fosse exaltada ao throno mais sublime.

Estando o almirante em Roma, como dissemos, veio um anjo de Deus ao monte onde estava o Ermitão confessor do Pontifice e de Roberto, e lhe disse da parte de Deus que já a sua penitencia estava cumprida e acabada, e que o mesmo Senhor estava satisfeito d'ella, e assim lhe mandava que fallasse e descobrisse quem era e não comesse mais com os cães, nem fizesse loucuras. Ouvindo o santo Ermitão o anjo, se pôz de joelhos e deu muitas graças e louvores ao omnipotente Deus por tão grande beneficio que tinha feito a Roberto.

Como o Ermitão partiu para Roma a buscar Roberto, e como se encontrou com os desposorios do almirante.

Sahiu logo o Ermitão do monte, e partiu para Roma, a buscar Roberto para lhe dar aviso da revelação, que Deus lhe mandou pelo anjo e buscando-o por toda a cidade, não o achou: de que ficou muito attribulado e triste.

Indo á igreja de S. Pedro fazer oração, n'este mesmo tempo que chegou, chegava tambem o almirante acompanhado do Pontifice e Imperador e toda a mais côrte e curia Romana para se receber com a infanta. Porém ella vinha tão descontente e chorosa, que não lhe podia o coração sof-

frer a traição do almirante pois bem sabia por ter visto tres vezes, que quem ajudara e livrara seu pae dos perigos fôra o louco; mas como era muda não o podia dizer com o lingua, assim ia receber-se com o almirante por força pois sua vontade era desposar-se com o louco.

Porém Deus é a summa verdade, sempre nos maiores apertos a descobre; e assim succedeu no caso presente, pois estando a infanta na igreja para se receber, (caso admiravel!) lhe restituiu Deus a falla, que de nascimento tinha perdido, e assim começou a dizer ao Imperador n'esta forma: Meu pae e senhor, dê graças a Deus, que pela sua divina misericordia me restituiu a falla, para que a traição do almirante fosse descoberta e conhecida, para não se executar seu perverso desejo, que com falsidade disse a vossa magestade que elle fôra o que ajudara e livrara dos perigos das batalhas, porém meu pae e senhor, quem livrou a vossa magestade dos perigos foi o louco, que está no jardim, pois com os meus olhos vi da janella do meu quarto apparecer no jardim um cavallo branco com as armas, com que elle se armava, e sahia pela porta falsa e voltava ao mesmo jardim e se desarmava muito depressa, e punha as armas sobre o cavallo e logo este desapparecia, e na ultima terceira vez lhe vi tirar de uma perna o ferro de uma lança, e o metteu debaixo de uma pedra, que está junto da fonte, e curou a ferida com umas hervas, e como eu era muda não podia dizer a vossa magestade estas proezas e maravilhas.

Quando o Pontifice e todos os mais que estavam presentes, viram este prodigio e ouviram o que a infanta dizia, ficaram suspensos e admirados, e o Pontifice, lhe perguntou onde estava o cavalleiro, que tinha livrado o Imperador, e ella lhe respondeu que estava no seu palacio, e que lá estava o ferro da lança.

Voltou logo o Pontifice, e mais acompanhamento para o palacio do Imperador para ver aquillo, que a infanta lhe disse, e o almirante fugiu sem ser visto; e o Ermitão tambem foi acompanhando o Pontifice para ver aquella casa.

Chegados ao palacio foi logo a infanta guiando o Pontifice, e ao Imperador para onde estava o ferro, e ajuntando-se com a haste da lança achou ser o mesmo, e o cavalleiro que lhe atirou com ella, o reconheceu muito bem. Logo foram onde estava Roberto deitado com o cão, que lhe lambia a ferida, dizendo-lhe o Imperador por acenos que se levantasse para ver a ferida, e elle zombou d'isto, porém levantando a cabeça, e tanto que viu o Pontifice e a infanta e mais acompanhamento, começou a fazer loucuras e a zombar do Pontifice, e de toda a gente e se punha a brincar com o cão, fazendo varias visagens.

Vendo o Pontifice estas cousas disse: eu te mando da parte de Deus que falles, e que respondas ao que te perguntarem; quando Roberto tal ouviu tomou o cão nos braços levantou-se e deu dous saltos por entre a gente para fugir. Tanto que estava em pé o conheceu logo o Ermitão e lhe disse: Amigo não te encubras, que se até agora eras conhecido por Roberto do diabo, agora serás conhecido por Roberto de Deus, pois já esse Senhor, sendo da sua misericordia te ha perdoado, e se dá por satisfeito da tua penitencia, e assim sou mandado aqui por Deus para que t'o diga.

Quando Roberto viu o Ermitão e ouviu taes palavras se pôz de joelhos, e postas as mãos com os olhos levantados para o céu disse d'esta maneira: Oh Todo Poderoso Deus, fonte de misericordia e de piedade, que hoje recebe este indigno servo teu tam grande bem por tam pouco trabalho! Rogo te pela tua infinita bondade, que em tudo te lembres de mim, e que não me apartes do caminho dos teus mandamentos, e te mereça louvor para sempre.

Quando o Padre Santo, e os mais que presentes estavam ouviram as concertadas razões de Roberto, ficaram atonitos, e a infanta ficou muito alegre com a esperança de ser seu esposo, porque as suas façanhas lhe tinham accendido um amoroso fogo no seu coração, cujos incendios lhe captivaram pouco a pouco a liberdade pois nunca se lhe tirava do sentido.

Disse então o Imperador a Roberto, que lhe havia de fazer a honra de casar com sua filha, pois que a tinha merecido e o ficaria substituindo no Imperio; porém Roberto se escusou como politico, com o pretexto de ir a uma romaria cumprir certa promessa. E assim ficou todo aquelle dia e noite em palacio, e todos com grande contentamento.

Como Roberto de Deus sahiu de Roma, e se foi metter no aspero de um monte sem ser visto, e como lhe appareceu o Ermitão,

Ao outro dia de manhã se despediu Roberto do Imperador, e de todos os cavalleiros, e sahindo de Roma sem ser visto de pessoa alguma se metteu no mais aspero do monte, com proposito de não sair d'elle, até que Deus o levasse.

Estando Roberto servindo a Deus, fazendo vida solitaria e contemplativa comendo hervas cruas, passado pouco tempo lhe appareceu o Ermitão e disse: Roberto, Deus por um anjo me mandou dizer que te buscasse e dissesse que fosses para Roma, que te casasses com a filha do Imperador, e que de ti e d'ella nasceria descendencia agradavel ao teu santo serviço.

Como Roberto ouviu isto partiu logo; e entrando em Roma foi para casa do Imperador, que tanto que o viu se lhe converteu a grande tristeza que tinha da sua ausencia em uma efficaz alegria, a sentiu mais a infanta, que era a que mais padecia os combates com que o amor a atacava, e

não menos toda a nobreza de Roma, que muito a amava.

Logo sem demora se ajustou o casamento e se receberam com toda aquella solemnidade devida a pessoas de tão superior esphera e todo o povo ficou tão contente, que uniformemente o festejaram, dando aos Ceos infinitas graças por tão grande beneficio de lhe dar Roberto por substituto no imperio, de quem esperavam um santo e justo governo que é o maior premio para os vassallos

Como Roberto de Deus partiu para a Normandia para socegar os trabalhos que sua mãe tinha, e o que n'este tempo succedeu em Roma.

Recebido Roberto esteve em Roma tres annos com socego mas sempre empregado no serviço de Deus, chegando-lhe a noticia que seu pai era fallecido e por esta causa havia no seu ducado um levantado, que negou a obediencia de vassallo a sua mãi e lhe usurpou algumas terras: communicou isto ao Imperador, e lhe pediu licença para ir acudir a este insulto, e castigar aquelle traidor, e vendo a justa razão que lh'a concedeu ainda que com muita magoa de seu coração pois não se atrevia a estar sem Roberto um instante.

Concedida a licença, partiu Roberto com sua esposa para Normandia, e chegando á côrte de Ruão, onde estava sua mãe esta o recebeu com muito contentamento e o mesmo fizeram os vassallos do seu ducado. E contando-lhe a Duqueza o aggravo que lhe havia feito certo cavalleiro em lhe desobedecer, e tomar-lhe uma fortaleza depois da morte do duque seu pae, ficou Roberto muito triste em ver o despreso d'aquelle vassallo para com sua mãe e assim determinou ir castigal-o.

Passados poucos dias, começou Roberto a ajuntar soldados: e tanto que os teve juntos, partiu com o exercito para a fortaleza; e lhe deu tão grande combate, que em poucos dias rendeu e captivou o cavalleiro rebelde e trouxe preso para sua mãe lhe dar o castigo da sua desobediencia, e ella lhe mandou cortar a cabeça e esquartejar como traidor. E assim esteve Roberto no seu Ducado com sua mulher muito pacifico quasi dous annos, muito venerado de todos, tanto pela sua santa vida como pela boa governança que fazia, de que todos os seus vassallos estavam contentes e satisfeitos.

Como o almirante veio com um poderoso exercito contra o Imperador, e este mandou aviso a Roberto para que o viesse ajudar.

Estando o almirante muito injuriado do que lhe tinha succedido, vendo que por nenhum modo podia conseguir o seu intento, determinou destruir o Imperador de todo, para o que formou um poderoso exercito, confiado na ausencia de Roberto, e logo partiu para Roma destruindo e queimando todas as suas terras e fazendo taes ruinas que o Imperador chegou a temer as suas armas, e assim resolveu mandar logo um postilhão a Roberto para que viesse com toda a brevidade em seu soccorro.

Chegando o postilhão e dando a Roberto a noticia tratou logo com toda a brevidade de ajuntar um exercito, e partiu em soccorro de seu sogro, e chegou a tempo que estava o Imperador em notavel perigo. Porém tanto que Roberto chegou achou a noticia de que o almirante com suas proprias mãos matara o Imperador.

Como Roberto matou o Almirante

Tanto que Roberto soube da morte de seu sogro começou logo a andar pelo exercito do almirante a buscal-o, e tanto que o achou logo lhe deu a morte, e assim lhe cercou o exercito de sorte que quasi todos ficaram mortos, feridos e rendidos, e poucos escaparam e ficou Roberto senhor do campo.

Partiu Roberto para Roma todo venturoso, e mandou vir o almirante arrastado ao rabo de um cavallo, e logo á vista de todos fez em pedaços, depois de andar arrastado por toda a cidade; todos os Romanos ficaram muito contentes e admirados do valor de Roberto, dando-lhe mil vivas, e fazendo-lhe muitas festas por tão grandes victorias.

Ao outro dia mandou fazer exequias ao Imperador com aquella pompa que era devida a tão grande magestade E assim que tomou posse do imperio, reformou o governo e justiça e estabeleceu leis justas, e depois de ter tudo muito bem disposto voltou para a Normandia e viveu com sua esposa uma vida santa e contemplativa, e tiveram um filho por nome Ricardo, que tambem viveu santamente, e fez grandes prodigios em favor da lei de Jesus Christo, e n'isto empregou todo o seu tempo, e não podia tão boa arvore deixar de produzir tão bom fructo, o qual foi dos doze pares de França no tempo de Carlos Magno, chamado Ricardo de Normandia.

FIM.

moraes e selectos colligidos dos melhores auctores, por D. Eufrasia da Silveira Corte Real e offerecidos a seus netos para sua educação e recreio contendo — O espelho magico do anão — O castello encantado ou o monte do castello das fadas — Gratidão de um filho e ingratidão de outro — O chapelinho vermelho ou a fada e o lobo — O fato novo do rei — As fadas ou a menina bem creada — A rapariguinha dos lumes promptos — Canto da pastora — O pobre — O bom pastor — O trabalho — Epitaphios celebres — Respostas engraçadas — Hymno portuense — A cautela da loteria — A oração dos meninos ao cruzeiro do deserto e os salteadores da floresta. Um volume in-8. 240

Cartonado. 240

Alzira ou o genio dos tumulos, por Nuno Maria de Souza Moura, ... 100

Conselhos de um pae a seu filho, seguidos de varias maximas escolhidas de diversos auctores francezes, para uso dos meninos 40

Arte de fazer-se amar das mulheres ou meio infallivel de fazel-as ditosas por toda a vida. Nem o elevado nascimento ou fortuna, a formosura ou o talento, nem mesmo a aspereza e indifferença, e até o caracter mais descontente, não poderão resistir. Segunda edição. 40

Arte de deitar as cartas ou livro das revelações para se saber o futuro por meio das cartas de jogar; traduzido das obras mais celebres de todos os paizes 120

Carta a um moço sobre o que deve saber antes de casar, pelo doutor Sallustio, vertido em linguagem. 120

O burro phylosopho ou theatro das humanas chimeras, por J. M. Virginiano Gomes. 120

O porque de todas as cousas ou arte de tornar-se sabio com pouco custo, pelo dr. D. Andres Ferrer de Brocaldino. Traduzido da 10.ª edição, por A. R. de S. e Silva, seguido de outras varias curiosidades 300

O verdadeiro livro de S. Cypriano, traduzido do original por N. C. D. Primeira parte, 400 reis. Segunda parte . 400

Obra completa 700

O verdadeiro e unico livro de S. Cypriano, tirado de um manuscripto feito pelo mesmo santo, e dado á luz por Joaquim José Simões. Primeira parte. 600

Segunda parte. 600

Comprando as duas partes. . 1$000

O verdadeiro e ultimo livro de S. Cypriano, unica edição completa dividida em duas partes. Cada uma parte em separado 600

Obra completa. . . . . 1$000

Poesias de Francisco Pires Zinão, nova edição augmentada (obra completa) Francisco Pires Zinão, foi soldado do antigo regimento n.o 21, mestre de caiador, da freguezia de Campos, julgado de Villa Nova da Cerveira, com poucos conhecimentos das primeiras letras. Attendendo a estas circumstancias o leitor avaliará o seu merecimento. 120

Nova collecção de poesias ternas e amorosas para servirem de complemento ás cartas de namoro 60

Mensageiro dos amantes, collecção de cartas amorosas 400

Conselheiro dos amantes, collecção de cartas amorosas 200

Novo conselheiro dos amantes, collecção de cartas amorosas 200

Novissimo conselheiro dos amantes, collecção de cartas amorosas. . . . 200

Secretario dos amantes, collecção de cartas amorosas 200

Thesouro dos amantes, collecção de cartas amorosas 200

Secretario dos jovens, modelo de cartas amorosas 120

Confidente dos amantes, nova collecção de cartas amorosas 120

Thesouro recreativo, ou collecção de muitos jogos 300

Recreio nas sallas, variada collecção de diversos jogos 300

Livro dos sonhos. 100

Manual dos signos 120

Codigo do amor, ou arte de amar e ser amado. 240

Novissimo secretario dos amantes . . 160

A vida de José do Telhado, por Raphael Augusto de Souza. Quarta edição . 120

A vida de Pedro Sem, por Raphael Augusto de Souza. Quarta edição . . 60

CONTOS POPULARES PORTUGUEZES

Historia verdadeira da Fidalga pobre — Um infame 60

Paulo (Historia d'um infeliz) *Recordações* 60

Historia de Pedro (o afortunado) . . 60

A casa das feiticeiras (Uma lição aos cobardes) — *O homem dos bifes* . . . 60

Triste historia da sobrinha do tio Antonio. 60

Historia engraçada dos estudantes e o soldado 60

A prophecia do moleiro 60

Laura e Margarida 60

Por montes e valles 60

Um coração generoso 60

Nas aguas furtadas 60

Tyrania de um pae 60

Astucias de Lourenço. 60

Versos ao S. João e S. Pedro. . . . 60

O sacristão da Bega ou o milagre de St.º Antonio. 60